

FERNANDO DOLABELA

autor de *O segredo de Luísa*



# A ponte mágica

*Como Luísa, aos 11 anos,  
cria sua primeira empresa  
para realizar seu sonho*



SEXIANTE

*"Venham até a borda", ele disse.  
Eles disseram: "Nós temos medo."  
"Venham até a borda", ele insistiu.  
Eles foram.  
Ele os empurrou... E eles voaram.*

GUILLAUME APOLLINAIRE

## 1

## AS SEPULTURAS DAS FIGUEIRAS

**M**esmo os habitantes da cidade não se acostumam ao fevereiro de Ponte Nova, Minas Gerais, quando o ar enclausurado pelas montanhas e o calor que sobe do chão conspiram para sufocá-los.

Luísa, 11 anos, que havia chegado naquele dia das férias na praia, cobre-se com um vestido de algodão leve e sai de casa sem que ninguém a veja. Carrega uma sacola contendo uma garrafa com água salgada e areia da praia e uma pequena caixa de papelão. Estava indo a um lugar proibido. O risco de ser vista aumenta a excitação provocada pelo encontro que a esperava. Como de hábito, deixou um bilhete na jarra de ágata da mesa de jantar: "Fui para o Sereia Azul." Mas o seu destino era outro.

Furtivamente, desceu a escadaria da sua casa, na rua Major Soares, e ganhou o passeio sem ser notada. Esgueirou-se pelos muros laterais da matriz, na praça Getúlio Vargas, até ganhar o portão principal da igreja. O cuidado ali havia de ser maior, porque seus tios sempre estavam nos bancos protegidos pela sombra das duas monumentais figueiras.

Luísa gelou e mal teve tempo de saltar para trás de uma árvore quando viu o olhar do tio Toniquinho dirigir-se para o lado onde ela se encontrava. Esperou alguns instantes antes de expor meio rosto e verificar que ele voltara a enrolar distraidamente o cigarro de palha. Não fora vista. Estavam também em outro banco da praça, jogando dominó, os tios Carlos, sócio de Toniquinho na alfaiataria, e Saint-Clair, aposentado da Rede Ferroviária Fe-

deral, ambos de chinelas. Absorto, Saint-Clair passeava um palito entre os dentes. Luísa tinha por hábito conferir se pelo menos um de seus tios estava na praça. Na última vez que nenhum apareceu, tinha havido morte na família.

Deixou seus olhos procurarem as sepulturas das duas outras figueiras que tinham sido arrancadas pelo vigário. Só porque impediam a vista da reforma feita por ele na porta principal da igreja. As sepulturas eram dois grandes círculos cimentados, que provocavam um aperto no coração de Luísa. Por causa delas, tinha levado uma suspensão no Colégio Imaculada e uma repreensão pública do vigário durante o sermão na missa das seis da tarde no domingo. Luísa colocara dois “epitáfios” de cartolina para ornamentar as “sepulturas”.

Um deles dizia:

QUAL PORTA VALE MAIS DO QUE  
A SOMBRA E A BELEZA DE DUAS  
FIGUEIRAS CENTENÁRIAS?

E o outro:

NESTE LUGAR, UMA VIDA QUE  
PROTEGIA VIDAS FOI ELIMINADA  
EM NOME DA VAIDADE.

Ao cruzar a rua Cantídio Drumond, Luísa escondeu o rosto com a sacola: ali ficava a loja Elegância Mineira, dos tios Carlos e Toniquinho, em cuja placa de rua constava a expressão “tudo em geral, etc.”, que Luísa achava tão disparatada quanto deliciosa.

ELEGÂNCIA MINEIRA  
 CAMISAS, CALÇADOS, CONSERTOS  
 DE APARELHOS ELÉTRICOS, SECOS  
 E MOLHADOS, TUDO EM GERAL, ETC.

2

O SEREIA AZUL

O maior perigo era a loja e bar Sereia Azul, propriedade da sua tia e madrinha Fernanda, onde Luísa ia voluntariamente quase todo final de tarde, de segunda a sexta, para ficar na caixa ou no balcão, atendendo a fregueses. Adorava aquele lugar e era adorada pelos frequentadores. Sentia enorme prazer em ficar ali, vendendo coisas, transformando mercadorias em dinheiro, o que, para ela, era pura mágica.

O final do dia, das quatro às seis da tarde, era o horário preferido de Luísa, porque ali compareciam tipos raros e intrigantes, um pouco de tudo, e o papo corria solto. Ia gente importante, como o prefeito, o vigário, donos de usinas de açúcar, o presidente da Câmara Municipal, mas também gente simples como Moacyr, o sapateiro, humilde mas respeitado por seus palpites e pelo caráter. Era o único bar que senhoras de respeito podiam frequentar desacompanhadas.

A menina não perdia uma só palavra da conversa entre aqueles senhores, alguns sisudos, outros levianos, mas todos certos de que tinham a solução para os problemas do mundo. Aprendera a usar um ouvido para atender a um freguês e o outro para

bisbilhotar as conversas sussurradas justamente para que ela, a única criança por perto, não ouvisse.

Perguntava-se por que lhes interessava tanto falar sobre as mazelas alheias, do corpo ou da alma, e tomar como tema de piadas a infelicidade e os defeitos dos outros. Nunca riam de si mesmos.

Luísa se orgulhava da capacidade da tia Fernanda de falar de igual para igual com os homens e de saber reprimir, com um simples olhar, a voz alta e as ofensas pessoais, mantendo o controle. A idade da menina, no entanto, ainda não lhe permitia desconfiar por que os assuntos são divididos por gênero: há coisas de homem e há coisas de mulher. Aos homens cabia tratar de economia, política, enchentes. Às mulheres, de cozinha e escola.

No Sereia Azul, a presença de Luísa era celebrada. “Que menina linda!”, “Que inteligência!”, “Vai casar com o meu neto...”, “Essa menina tem um grande futuro...”, eram elogios dos adultos que chegavam como frivolidade aos ouvidos de Luísa. O mais famoso dentista de Ponte Nova, Dr. Luiz, dizia: “Vai trabalhar na minha clínica...”. E aquilo pegou. Vovó Mália, orgulhosa com o vaticínio, passou a dizer que sua neta seria uma grande dentista. Luísa, dócil nas relações pessoais, rebelde quanto a regras e imposições, não recusava aquele planejamento para a sua vida, porque, sendo algo tão distante e improvável, não seria causa justa para contrariar vovó Mália, que ela adorava.

A beleza de Luísa comovia as pessoas. Os grandes olhos amendoados, em tom castanho-escuro, que sabiam ser meigos e desafiadores, desconcertavam quem com eles cruzasse. A luz do sorriso aprisionava os que já haviam sido capturados pelo olhar. Os cabelos, também castanhos, quase anelados, caindo abaixo dos ombros, pareciam acentuar a rebeldia do espírito.

Aos 11 anos, corpo de menina, mente ágil e amadurecida pela

convivência com adultos, Luísa ainda não perdera a capacidade de ficar perplexa diante das coisas belas e ruins do mundo. Sobretudo, não sabia que não podia, o que explicava sua coragem de tentar e fazer. Não havia ainda se imposto limites, nem aceitado os que a pequena Ponte Nova lhe impingia. Para enfrentar o marasmo da cidade, a mente de Luísa estalava de criatividade. Contra a pasmaceira, ela agia. Mais tarde, iria aprender a se desembaraçar da conspiração dos mais velhos para definir o seu futuro e se afastar do conceito que tinham de sucesso: estabilidade, dinheiro, curso universitário. Para os habitantes de uma cidade onde pouco acontece, a beleza e o modo de ser de Luísa eram evidências de que, tornando-se mulher, causaria estremecimentos por onde quer que passasse. Era questão de esperar.

O Sereia Azul exibia para Luísa uma galeria rica em tipos humanos e assuntos, ajudando-a a desenvolver a capacidade de distinguir entre coisas boas e ruins, úteis e vazias, fundamentais e acessórias. Ali, ela aprimorava o seu senso crítico e se mantinha a par dos temas mais importantes da cidade.

### 3

## MARIA SETE-SAIAS

**A**o alcançar o Sereia Azul, Luísa teve o cuidado de passar para o outro lado da rua, rosto escondido. Tranqüilizou-se. A partir dali, na descida da rua Caetano Marinho, havia pouca chance de encontrar alguém da família. De repente, uma mão forte e ossuda se cravou em seu ombro. Ela soltou um berro e cor-

reu, cheia de medo. Ao virar-se, viu uma mulher que parecia uma bruxa.

– Aonde vai, menina? – disse-lhe a figura estranha.

Era Maria Sete-Saias, louca de rua.

– Luísa, espera! Vou te contar uma história!

Maria Sete-Saias sobrevivía cobrando pelas histórias que inventava sobre gente importante da cidade. Ganhou o apelido por usar vestido comprido com várias saias por baixo e respondia com palavrões quando o ouvia.

Recuperada do susto, Luísa lhe sorriu:

– Minha grande historiadora, Maria Margarida Gomes!

– Para você, que é minha amiga, vou contar uma história de graça.

Em vez de fazer como as outras crianças e provocar os loucos, cuja liberdade nas ruas é garantida pela civilidade das cidades pequenas, Luísa, com sua imaginação, os transformava em heróis e com eles mantinha longas conversas. Chamava Biliskete de “Grande Astro da TV”, depois de ele ter aparecido no show da Elke Maravilha com dúzias de medalhas no paletó verde e na gravata cor-de-rosa, flores no chapéu e três anéis em cada dedo. Sá Dalila era a “Condessa de Ponte Nova”, porque se dizia proprietária de casas, prédios e fazendas e tomava todos os habitantes da cidade como seus inquilinos. Carrapatinho, para quem as águas do Piranga eram petróleo, era o “Rockefeller”; Tinga virara o “Artista de Circo”, porque comia cobras, parafusos, cacos de vidro, rãs, giletes.

Mas, agora, a menina estava com pressa de se desvencilhar da mulher, que logo atrairia crianças para encolerizá-la.



## 4

### A PONTE DO RIO PIRANGA

Luísa deixou de se preocupar quando alcançou a avenida Arthur Bernardes sem ser vista. No sinal luminoso, dobrou à esquerda e se dirigiu à ponte da Barrinha, sobre o rio Piranga. De repente, a menina parou, reverente, sorvendo a energia que lhe oferecia a ponte para somá-la às suas próprias forças. Deixou-se atrair pelo desconhecido, pelo risco, pelo prazer. Olhou em todas as direções e, não vendo ninguém, entrou na ponte em corrida louca, um sorriso nos lábios.

No início da disparada, escorregou no lodo e seu corpo magro vergou sobre a amurada. Tentou se segurar, mas a ponte partiu-se com um estrondo assustador. Sem ter onde agarrar, Luísa caiu de uma altura de 20 metros em direção ao leito do rio coberto de pedras. A sacola se despreendeu de suas mãos e foi levada pelo vento. Caindo em cambalhotas, seus olhos viam ora as águas barrentas do Piranga, ora o céu com nuvens cinza.

De repente, as águas ficam azuis como o mar de Meaípe, repletas de peixes coloridos, e o céu se cobre de nuvens cor-de-rosa, de onde saem borboletas gigantes bailando ao som de uma sinfonia. As pedras do rio se transformam em corais multicoloridos. No momento em que ia se chocar neles, as borboletas tomam Luísa pelos braços e a fazem flutuar sobre as nuvens. De cima, ela vê o Piranga com águas cristalinas, as miseráveis casas de palafitas na margem transformadas em mansões com iates presos aos ancoradouros. As borboletas deixam Luísa na outra margem do rio. Pés no chão, ofegante, ela olha para trás e vê que

tudo está como antes: as águas barrentas do Piranga, as nuvens cinzas anunciando uma noite chuvosa, pardais em euforia se despedindo da tarde. Vê na mão esquerda a sacola intacta. Alegre, ela pula com os dois braços lançados ao ar e grita:

– Eba!

Aquelas cenas mágicas surgiam sempre que ela atravessava a ponte da Barrinha. Luísa não sabia por que nas outras pontes da cidade nada assim acontecia.

## 5 MARIA

**D**obrou a rua Santa Terezinha em direção à Vila Alvarenga. Para ela, agora, o risco não era ser vista, mas enfrentar os perigos que, segundo sua mãe, aquele lugar oferecia. Estava diante das casas ribeirinhas, de palafita, onde moravam mulheres pobres. Durante o dia, do fundo do Sereia Azul, podia vê-las na outra margem do rio lavando roupas, cuidando de crianças. De madrugada, acordava com sua alegria estridente anunciada pela música de Chitãozinho e Xororó, Waldick Soriano e, claro, Roberto Carlos.

“Se aquele lugar era tão ruim, por que tio Carlos não saía de lá?”, pensou a menina, sentindo que precisava se apressar, porque a tarde estava caindo. De fato, a lua, um grande círculo branco, transparente, parecia estar vestida de noiva para o sol, que lhe estendia um tapete vermelho sobre as montanhas no horizonte.

Por via das dúvidas, Luísa redobrou a atenção. Quase correndo,

passou pelas palafitas e virou à direita. Olhava para todos os lados. Cada transeunte era um suspeito.

A menina procurava a casa de Maria, sua melhor amiga – uma amizade proibida. Tinha muito o que contar, coisas acontecidas na praia de Meaípe, perto de Guarapari, no Espírito Santo, para onde fora logo depois do Natal.

Conhecera Maria quando ambas tinham 9 anos. Ela passara em frente a sua casa, usando um vestido de chita verde estampado com flores cor-de-rosa, tão grande que quase lhe cobria os pés descalços. Carregava na cabeça um cesto cheio de goiabas para vender às donas de casa que fabricavam a melhor goiabada-cascão do mundo. Luísa, que também gostava de vender bonecas e outros brinquedos usados, fora atraída pela paz irradiada por Maria, cujos cabelos castanho-escuros, ressecados e maltratados, contrastavam com os olhos verdes, duas esmeraldas brilhantes, e formavam um conjunto exótico com a pele crestada pelo sol e os lábios desenhados em sorriso permanente. Maria não havia conhecido o pai e jamais ouvira falar dele. Morava com sua mãe, Piedade, desempregada, e com a irmã Eva, de 11 meses.

## 6

### AMIGAS PELO SONHO

**A** amizade surgira instantaneamente. As duas sentaram-se no meio-fio e não viram o tempo passar. Em suas confidências, descobriram um ponto em comum: consideravam que a melhor coisa do mundo era sonhar. Sonhar com coisas maravilhosas de-

senhadas por seus próprios pincéis, nas cores e formas que quisessem. Sonhar com viagens à Disney, à praia, com bonecas, sorvetes, videogames, casamento, artistas de TV, vestidos lindos, festas e bolos de aniversário. Sonhavam encantar a vida em Ponte Nova, onde tudo conspirava para que nada acontecesse.

Apesar das diferenças sociais entre as duas, os sonhos eram parecidos, a não ser nos aspectos que justamente definiam esta diferença. Por exemplo, a casa própria, que era uma herança de antepassados para Luísa, representava para Maria algo impossível. Se comer todos os dias era uma certeza para Luísa, a rotina da fome, no mundo de Maria, transformava um prato de comida em ilusão. Um dia, na escola, Maria percebera que, segundo os adultos, até nos sonhos existem direitos diferentes. Quando disse que sonhava conhecer o mar e ser médica, a professora corrigiu:

– Você está tendo sonhos que não são para você.

Nesse momento, Maria olhou para o chão, triste. Sentiu que havia algo equivocado naquela idéia da professora. Afinal, ninguém podia controlar os seus sonhos... Mas não ousava discordar. Mesmo criança, já aprendera no seu ambiente, formado por pessoas pobres, que sempre deveria se resignar com as regras dos mais poderosos, porque o preço da rebeldia é alto.

Luísa jamais esquecera o que Maria havia lhe dito logo no primeiro encontro delas:

– Olha, o sonho é muito bom, porque é algo que nasce dentro da gente, nós somos donas dele. Mas melhor do que sonhar é correr atrás do sonho. Eu descobri isso por acaso.

– Como? – perguntara Luísa.

– Eu sonhava ter uma sandália Melissa, achava a coisa mais linda do mundo. Então, vendi goiaba, manga, lavei roupa, fiz mandados, ajuntei dinheiro. Até que num sábado eu comprei a

sandália para estreá-la no domingo à tarde, no parque de diversões. Dormi abraçada com a sandália e no domingo de manhã fui ajudar minha mãe na faxina. Quando voltei depois do almoço, cadê a sandália? Tinha sido roubada.

– Nossa, que tristeza! – disse Luísa. – Você deve ter chorado muito.

– Eu também pensei que fosse chorar muito, mas não. Fiquei triste. Só que a alegria maior foi ter comprado a sandália. Eu me lembro de como trabalhava feliz para conseguir a sandália. Quem roubou a sandália não conseguiu roubar a minha capacidade de sonhar e realizar outros sonhos.

## 7

### A DISTÂNCIA QUE NÃO DEVERIA EXISTIR

Um dia, Luísa convidou Maria para almoçar em sua casa e então tomou consciência de que, mesmo estando tão próximas fisicamente, um mundo as separava. Não era só a distância do dinheiro, existiam outras diferenças, que o olhar e as perguntas da sua mãe revelaram. Ela interrogou Maria:

– Qual é o nome do seu pai?

Maria olhou para o chão:

– Não sei, nunca vi meu pai.

– E sua mãe, como se chama?

– Piedade.

– O que ela faz?

Luísa interveio:

– Quanta pergunta, mamãe!

Maria corou e respondeu sem convicção:

– É empregada doméstica.

– Com quem você mora? Onde é a sua casa?

– Moro com minha mãe e minha irmã Eva no Alvarenga. A casa não é nossa, é de aluguel. Meu grande sonho, quando crescer, é comprar uma casa para nós.

Dona Maria Helena olhou para Luísa e para o marido, seu Geraldo, com o cenho franzido, um esgar na boca e a cabeça a balançar, sinais de que entendera além do que fora dito.

Depois que a visita foi embora, ela disse:

– Minha filha, a Maria é muito boazinha, mas não é amizade que sirva para você. Não quero mais que ela venha aqui e não quero que você vá à Vila Alvarenga.

– Por quê?

Perguntava só por perguntar. A resposta foi o silêncio, a que Luísa reagiu sem dizer palavra: “Eu posso andar com quem eu quiser, com quem eu quiser, que não vou deixar de ser eu mesma. Mas a senhora tem medo...”

Além de matar a saudade, queria contar as novidades da praia: o caiaque, a banana gigante, o jet ski, sua empresa de vender empadinhas. Também queria lhe dar as conchinhas e a água do mar, coisas que Maria não conhecia. E trazia ainda bombons fabricados no Espírito Santo.

Já antecipava a pergunta que Maria lhe faria: “E na ponte, aconteceu de novo?” Luísa sempre contava para a amiguinha as cenas fantásticas que lhe aconteciam na ponte da Barrinha, toda vez algo diferente. Era um dos muitos segredos entre as duas. Maria tentara várias vezes, sem resultado. Chamavam a ponte da Barrinha de “Ponte Mágica”.